

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHTECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUCÇÕES

N.º 9

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

| | |
|--|----------|
| SECÇÃO DE ARCHITECTURA : | |
| O convento de Mafra, (continuação) — pelo sr. JOAQUIM C. GOMES..... | Pag. 129 |
| A Igreja de S. Francisco — pelo sr. FERREIRA CALDAS | • 133 |
| Architectura dos povos da antiguidade, (continuação) — pelo sr. J. P. N. da SILVA..... | • 134 |
| SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA : | |
| Archeologia prehistorica, (continuação) — pelo sr. J. P. N. da SILVA..... | • 136 |
| As Mumias do Perú — pelo sr. VISCONDE DE SÃO JANUARIO..... | » 142 |
| Chronica..... | » 143 |
| Noticiario..... | • 144 |

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

O CONVENTO DE MAFRA .

(Continuado do n.º 4, 2.ª serie, tomo 4.º, pag. 51)

A parte do edificio que constitue o convento, propriamente dito, acha-se contida no recinto do palacio, e está situada na parte posterior da egreja, com a qual comunica por passagens subterraneas ou pelas sacristias. Tem a forma quadrada com quatro faces exteriores, e quatro pavimentos que eram os dormitorios onde estão as cellas dos Monges; occupa metade da área do edificio, e é coberta por um vasto terraço inferior á altura do pavimento do palacio. No centro ha um jardim.

Logo depois da sua fundação—1730—foi o convento habitado por 300 frades franciscanos, cujo numero se achava já reduzido quando, no reinado de D. José, o marquez de Pombal fez para ali transportar os conegos regrantes de Santo Agostinho. Sendo estes removidos para S. Vicente de Fóra, na regencia de D. João VI, tornou a casa a ser habitada pelos frades franciscanos, que ahí se conservaram até á extincção geral das ordens religiosas. Em 1840, toda essa parte que constituiria o convento foi entregue ao ministerio da guerra, e ali se tem alojado diversos corpos do exercito, e por duas vezes o collegio militar.

A entrada principal—*portaria mór*—é na face sul do edificio. Tres portas coroadas com seus frontões e fechadas com cancellos de ferro, elevando-se do solo sobre quatro degraus de pedra, dão accesso ao vestibulo, que mede 12,™3 por 6,™6; bancos de marmore guarnecem lateralmente esta casa, cujo pavimento é xadrezado. Uma porta em frente do centro do vestibulo dá passagem, por um amplo corredor, para o famoso salão—*Casa de entrada da portaria-mór*—e cuja apparencia é tão nobre como magestosa. A projecção horisontal d'esta casa é de 19 metros por 9 metros; o chão apresenta um variado xadrez de marmores; a abobada é lisa e descança sobre uma cimalha, ornada de molduras e de filetes, que circumda superiormente a casa. Dois grandes quadros da escola romana, encaixilhados em molduras de marmore escuro, occupam os dois topos da sala; um dos quadros, obra do pintor portuguez Ignacio de Oliveira Bernardes, representa a Virgem, o Menino Jesus e Santo Antonio—é uma imitação do quadro da capella mór do templo. O segundo quadro, se não é feliz pela invenção, é de uma execução tão primorosa, que mereceu a attenção de Racinski. Na parte superior vê-se Christo com o braço erguido, empunhando um feixe de raios que pretende lançar sobre a terra. No meio do qua-

dro apparece a Virgem segurando o braço do seu Filho — afim de suspender o castigo ; no plano inferior estão os dois patriarchas S. Domingos e S. Francisco, de joelhos, orando em favor do genero humano. É um trabalho perfeitamente estudado, e todavia o assumpto parece-nos não ser facil de tratar. Ao passo que o rosto da Virgem exprime uma suavidade que inspira a mais profunda veneração, no seu braço ha força e vigor. A physionomia do Christo, longe de revelar o odio, mostra verdadeiro constrangimento. As maneiras dos dois santos, sua posição humilde, e a supplica fervorosa que se traduz n'aquelles rostos, são perfeitadas. Este trabalho é de Pedro Bianchi.

Em torno da casa ha uma bancada de madeira do Brazil.

Por meio de uma porta em frente da de entrada, e, como esta, ornada de uma lamina de marmore preto orlada de festões, estabelece-se a communição com a escadaria principal do convento, peça magestosa e celebre pela sua construcção. É ella composta de duas series de degraus de marmore, divididos em quatro lanços, os quaes, partindo do solo em sentidos oppostos, e encontrando-se em todos os patamares, formam nos pontos de reunião vastos taboleiros, cujo peso é sustentado por fortes pilares de pedra de 4 metros de altura. Uma graciosa balaustrada de calcáreo guarnece, sem interrupção, as duas escadas e os patamares, onde se abrem grandes janellas que, com as suas soberbas lanternas envidraçadas, e collocadas sobre o terraço, derramam abundante luz em todo este corpo. Concorrem a estas escadas todos os dormitorios, extensos corredores de 170 metros, onde existem as cellas ou quartos de fórma quadrada, com 3 metros por lado.

Não ha n'esses vastos corredores, que teem o verdadeiro cunho da clausura, casas ou objectos de arte que mereçam menção especial. É, porém, a portada—que acabamos de descrever— que, com o seu vestibulo, salão e famosa escada, constitue mais perfeitamente a entrada de um palacio, do que a portaria de um convento ; ha ali nobreza e magestade em tudo, emquanto que a entrada do palacio, vestibulo e escada são comparativamente pobres, e indicam melhor a portaria do convento. — «*Mafra ficou duvidosa no desenho entre o mosteiro e o palacio*», disse A. Herculano.

Passada a portaria-mór, encontram-se ainda no pavimento terreo, dignas de menção, as seguintes peças : — Corredor das aulas — Capella dos martyres — Sala de actos — Casa do capitulo — Escadas que estabelecem communição com a egreja — Refeitório e cosinhas — Capella do campo santo.

O corredor das aulas, assim chamado porque ahí estavam estabelecidas as escolas pu-

blicas do convento, é notavel pela sua extensão de 187 metros com 5 metros de largura ; nos dois pontos extremos — norte e sul — tem duas portas de 4,^m5 por 2,^m2 para o serviço externo. É banhado de luz por innumera quantidade de janellas de 3,^m8 de altura ; a abobada é perfeitamente acabada, e o pavimento xadrezado.

A capella dos martyres — hoje profanada — é vasta e elegante ; a sua denominação provinha do quadro que lhe ornava o altar, e que ainda ali se conserva ; todos os dormitorios tinham tribuna para esta capella, onde estava permanente o Sacramento. N'esta casa teve o collegio militar estabelecido o refeitório dos alumnos.

A sala de actos é magestosa. A projecção horizontal d'esta casa é de 25 metros por 9,^m4. Nas duas faces lateraes ha duas formosas balaustradas de calcareo branco, guarneecendo duas bancadas que se elevam do plano, por tres degraus. — Eram as *Doutoraes*. No topo da sala estava a cadeira do mestre, sobre a qual se acha uma lamina de fino marmore, encimada por uma folhagem composta de marmores de diversas côres, tendo em letras embulidas a seguinte legenda :

JOANNES V MAFRENSEM ACADEMIAM.
ERIGENS
DOMUM HANC SAPIENTIAE.
DICAVIT
SAPIENTIA GRATA HANC SIBI SEDEM.
ELIGENS
EX EA ACADEMIAM.
REXIT
JOSEPHUS I UTRAMQUE NIMIUM.
DILIGENS
SAPIENTIAE LEGIBUS ACADEMIAM.
FIRMAVIT
ACADEMIA GRATA PERPETUUM MONUMENTUM.
SELIGENS
HUNG EIS LAPIDEM IN TITULUM.
EREXIT
ANNO MDCCLII.

Em frente ha um famoso quadro da escola romana, com 6 metros de altura, circundado por uma moldura de marmore preto. O quadro representa a Virgem em pé, sustentando nos braços o Menino ; este tem na mão uma cruz de comprida haste, cuja extremidade mette na bocca da serpente que está sob os pés da Virgem. Na parte superior vê-se o Padre Eterno, rodeado de anjos. Este quadro, obra do Cavalheiro Sebastião Conca, tem admiravel transparencia de colorido ; as tintas muito suaves e um estylo assaz delicado dão-lhe uma belleza especial. Esta sala é perfeitamente illuminada por tres janellas que lhe ficam no topo ; sobre a porta de

entrada e na parede fronteira ha duas tribunas ; o pavimento é xadrezado de marmores de diversas côres, e uma cimalha guarnece superiormente a casa, cuja abobada é apainelada de estuque.

A casa do Capitulo, ainda que totalmente despida de ornatos, é notavel pela sua figura elliptica, cujo eixo maior mede 26,^m5, e o menor 8 metros. A projecção vertical, tomada do centro da abobada, é de 14 metros. Vinte e oito grandes janellas, judiciosamente distribuidas, illuminam esta sala, unica pela sua fórma no edificio ; sobre a porta de entrada ha uma tribuna de marmore ; a abobada é apainelada de estuque, e o pavimento apresenta um bello xadrez de mosaico.

As duas escadas, que estabelecem a communicação entre o corredor das aulas e a igreja, são duas formosas peças de marmore, muito espaçosas e perfeitamente illuminadas ; o arco que abre sobre o corredor é elegante, e ornamentado de flores relevados. Eram proprias para um soberbo palacio.

O refeitório é uma casa imponente, mas sombria ; a sua projecção horisontal fórma um rectangulo de 48,^m8 por 9,^m5. Pelo centro e encostadas ás faces lateraes ha, em toda a extensão da casa, trinta e seis mezas de 4,^m5 de comprimento por 0,^m66 de largura, todas de madeira do Brazil, e apoiadas em pilares de calcareo branco, onde se accommodavam 300 frades. Na cabeceira da casa e sobre a mesa travessa ha um grande quadro de pintura que representa a *Ceia* ; como a casa tem pouca luz, o quadro não se gosa bem, mas parece não ter merecimento. Suspensos da abobada estão nove lampeões de metal, que eram accesos durante a refeição da noite ; nos dois lados, e sobre as portas que dão serviço para o corredor e para as cozinhas, ha dois pulpitos, onde dois religiosos faziam a leitura do evangelho, enquanto a communidade se conservava á mesa.

Contigua ao refeitório, e communicando com elle por uma porta aberta no topo, encontra-se a casa denominada—*De profundis*—porque ali se resava este psalmo, antes da entrada no refeitório. Tem 25,^m5 por 9,^m5.

Em seguida a esta, ha a casa do lavatorio, de figura octogonal, medindo 12,^m2 de uma a outra face do polygono. Vêem-se abi quatro formosas urnas de marmore, tendo cada uma seis torneiras de bronze, que ministravam agua para as abluções á saída do refeitório. N'estas casas não se encontram pilares, columnas ou adornos quaesquer que interrompam a lisura das paredes, guarnecidas apenas por uma cimalha no ponto onde começam a descrever-se as curvas dos arcos das abobadas.

A cosinha communica-se com o refeitório por uma de suas portas lateraes, e prolonga-se ao lado d'elle,

tendo intermedio um corredor. A sua projecção horisontal é de 21,^m8 por 10,^m5. Nos dois topos da casa ha duas grandes chaminés, tendo uma d'ellas um engenho que servia para levantar os pesados caldeirões ; grandes pias, por via de torneiras de bronze convenientemente collocadas, recebem abundancia de agua ; e no centro da casa vêem-se quatro mezas de pedra, medindo cada uma 3,^m4 por 2,^m2. Toda a parede é guarnecida de azulejos.

Contiguas á cosinha, e como seus accessorios, havia diversas casas e taes eram : a casa de lavar hortaliças e peixe, com sete alguidares de pedra e numero igual de torneiras, que lhes lançam a agua, e mesa tambem de pedra ao centro da casa ; a pastellaria com mesas e pias de pedra, e dois fornos ; a casa do azeite, com duas grandes pias ; e o lavatorio dos habitos, com dezoito alguidares de pedra, que recebiam agua por igual numero de torneiras de bronze.

As dimensões de cada uma d'estas casas variam entre 13 e 19 metros de comprimento por 6 metros de largura ; nos intermedios d'ellas ha diversos e espaçosos corredores com facil communicação para a conveniencia dos serviços ; e todos elles, assim como as differentes casas, recebem sufficiente luz, ou pelas janellas das faces externas, ou pelos saguões judiciosamente distribuidos em toda a amplitude do convento, com a dupla vantagem de recolherem as aguas pluviaes, que vão logo passar aos cannos de esgoto. De diversos pontos partem escadas que vão tocar nos pavimentos superiores, dando algumas d'ellas saída para os terraços.

A capella do Campo Santo, assim chamada porque ali se depositavam os corpos dos religiosos fallecidos e se faziam os officios funebres, é imponente—indica perfeitamente o fim para que fôra instituida. As suas dimensões são de 25,^m5 por 10,^m8.

Duas famosas columnas compositas, de marmore preto, com 4,^m8 de altura, bases e capiteis de marmore amarello, e apoiadas sobre pedestaes de 2,^m6, adornam o altar formado de uma só pedra, medindo esta 2,^m85 × 1,^m4 × 1,^m2, e cujo retabulo de pintura é encaixilhado em mica preta, e coroado por um frontão denticulado, tendo no tympano duas cabeças de anjos. O quadro é obra de Pedro Quillard, e representa a *Ceia*—as figuras são expressivas, mas ha no todo pouca transparencia de colorido. Ao lado do altar e da parte da epistola, vê-se em campã rasa a seguinte inscripção :

AQUI JAZ O PADRÃO D'INIQUIDADE,
QUE A PARCA FEZ NA SUMMA DIGNIDADE.
DEPOSITO DOS OSSOS
DO SR. D. FR. HILARIO DE SANTA ROSA,
BISPO DE MACAU — 1764.

O pavimento da capella apresenta um xadrezado de marmores amarello e preto, e a abobada é apainelada de estuque; nos dois topos da casa ha duas grandes tribunas de calcareo branco, apoiadas sobre misulas de um estylo severo e pesado que, com a pouca luz que a casa recebe, contribuem para o aspecto triste que lhe convém.

Da parte de fóra da capella estão as campas sepulchraes. Não foi este o jazigo primitivo; esse fóra instituido por debaixo da *Galilé* em catacumbas humildes, que serviram até ao tempo em que os conegos regrantes occuparam o convento. Estes, ou porque as considerassem demasiadamente pobres, ou para que os seus restos mortaes se não confundissem com os dos franciscanos, estabeleceram ali as suas sepulturas, de que mais tarde os franciscanos, menos escrupulosos, se aproveitaram.

O Jardim está situado no centro do convento — a sua area é de 1:860 metros quadrados. Oito ruas cuidadosamente traçadas, convergindo ao ponto central, constituem outras tantas divisões ou canteiros de bonito desenho, ornados de buxo pelo antigo gosto francez. Um lago de marmore, de 5,^m3 de diametro, occupa o ponto central; aos lados vêem-se quatro conchas, tambem de marmore, e grande numero de vasos symetricamente collocados. Muitos bancos de pedra circumdam o jardim, sobre o qual abrem duzentas quarenta e seis janellas dos quatro pavimentos, correspondendo duzentas e sete a igual numero de cellas, e trinta e nove á bibliotheca. Quatro portas praticadas nas quatro faces lateraes estabelecem a communicação entre o jardim e o convento.

E tal é a habitação que, durante um seculo — 1730 a 1834, — foi occupada por differentes religiosos; destinada ultimamente a serviços completamente oppostos, tem soffrido innumeradas alterações na sua disposição interna, para apropriação conveniente de muitas das suas casas. A caserna, o collegio militar, o deposito geral de recrutas, as escolas de tiro e complementar, e o asylo de filhos de soldados, cada um d'esses estabelecimentos fez modificações a seu modo; de maneira que não ha relação possível, nem facil combinação, entre as antigas descripções do convento e as de hoje. Algumas escadas foram cortadas, e interceptadas assim diversas communicações. No pavimento terreo, a capella denominada dos Martyres foi applicada para refeitorio do collegio militar; a sala de actos é actualmente o tribunal judicial; o corredor das aulas acha se interrompido por um tapume; na casa *De profundis*, armou-se um theatro; as cosinhas e seus accessorios soffreram alterações bastantes, porém da cosinha grande serve-se hoje a casa real. As casas que serviam de carceres estão desfiguradas, e os encanamentos das aguas potaveis foram

em partes desviados; constituíam elles uma rede bem estudada, mas complicada bastante e hoje difficil de restituir, porque infelizmente não ha a planta, e os registros são desconhecidos. No segundo pavimento debalde se procuraria agora a capella denominada *dos sete allares*, as casas de *espulgatorio*, e outras mencionadas em antigos escriptos. Existe, porém, intacta a *sala das columnas*, assim chamada porque a abobada, em toda a sua extensão, é apoiada sobre columnas de marmore. Ignora-se a applicação que tivera em tempo essa casa.

Encontravam-se tambem outr'ora no convento muitos e diversos objectos de arte, taes eram; famosos lampeões e candeeiros de metal, de espaldar e de suspensão; tocheiros, relogios, quadros em pintura de dimensões differentes, guardados actualmente na arrecadação do palacio ou na casa de arrecadação das alfaias do templo — quasi todos elles são copias, e na maior parte sem merecimento. Havia mais uma innumeravel quantidade de gravuras, algumas das quaes existem, mas inteiramente estragadas, taes como: — de Campion, originaes de Rubens: *A Ceia*, *Ressurreição de Lazaro*, *Apresentação no templo*, *Adoração dos magos*, *Calvario*, *Descendimento da Cruz*, *Assumpção da Virgem*. De Mosin, originaes de Wandick: — *Ecce Homo*, *Coroação de espinhos*, *Crucificação*. De Chez Mariette, originaes de Carache: — *A Virgem com o Menino ao collo, junto d'ella S. José, paisagem ao longe*. De Pedro de Cortona: — *Natividade*, *Presepio*. De Jourdan: — *Descida do Espirito Santo sobre os Apostolos*. De Champagne: — *O Menino Jesus dormindo nos braços da Virgem*. Estes quadros medem 1,^m2 por 0,^m68.

São tambem pertenças do mosteiro as riquissimas alfaias e paramentos, verdadeiras maravilhas de arte, das quaes já tratámos em outro capitulo, e cujo valor é tal que — segundo a tradicção — obrigou D. João V a exclamar perante a córte: — «Isto que estão vendo custou-me mais dinheiro que toda essa grande massa de pedra que nos cerca.»

Vê-se, pois, que o regio fundador envidára todos os esforços para que a sumptuosidade do convento suplantasse a magnificencia do palacio. Sentiu-o Byron, como declara em uma das suas estrophes: *As vestes da igreja confundiam-se com as galas da córte*: e melhor ainda o sr. A. Herculano: *A purpura está lá remendada de burel; o burel alindado com a purpura*.

É verdadeiro; mas são epochas. E o espirito dominante é quem move as pessoas e quem determina as cousas.

Concluiu D. João V o monumento de Mafra em 1730; um pouco mais tarde, mais proximo a findar o seculo, elle e os seus cortesãos não só não dariam

ao edificio a disposição que deram, mas até mesmo não cogitariam em o crear.

O pensamento de Byron é o sentir livre de um inglez, que nunca poderia admittir que o mosteiro excedesse em magnificencia o alcaçar regio; nem mesmo soffrer a confusão de entidades diversas, como elle censura, dizendo: — *viam-se alternadamente nobres e frades*. . . O nosso eminente escriptor, sr. A. Herculano, apresentou aquelle seu judicioso pensamento em 1843; não haverá erro em suppôr que elle sentisse de outro modo, se existisse em 1717.

Hoje, a soberba portada do convento está deserta; as suas casas famosas, as escadarias, as capellas, estão despidas das suas galas, dos seus quadros, dos seus candelabros; em compensação, ornam-se das stalactites, enquanto que os extra-dorsos criam abundantemente plantas vivaces.

Ao correr os extensos corredores, Byron agora ouviria sómente o som dos seus passos repercutirem-se sob as immensas abobadas.

O socio

JOAQUIM C. GOMES

A IGREJA DE S. FRANCISCO

No n.º 3 da *Revista de Guimarães*, de julho de 1884, tivemos o prazer de ler as judiciosas e artisticas considerações com que o erudito rev. padre Ferreira Caldas analysou a construcção da antiquissima igreja de S. Francisco da cidade de Guimarães. Alcançamos, agradecidos, da illustrada redacção de tão recommendavel periodico reproduzir-se no nosso *Boletim* esse artigo do festejado sabedor, do qual deploramos a prematura perda; e de novo agradecemos á mesma illustrada redacção a sua condescendencia em annuir ao empenho de um sincero amigo d'esse chorado consocio.

«Quer alguém, e de auctoridade muito respeitavel, que esta igreja fosse em tempo dividida por tres naves; todavia, acatando muito a opinião dos mestres, quer-nos parecer que tal asserção só tem por fundamento as prescripções da arte, que no caso posto as aconselhava apenas.

A nosso ver, taes naves nunca existiram, e algumas rasões, que apresentaremos dispersas, como as achamos, parecem dar fundado motivo á nossa negativa.

Vejamos:

A capella-mór, decorada com as armas d'el-rei D. João I, é sem duvida fundação do seculo xv. N'esta época não havia ainda nem sequer intenção de dividir a igreja em tres naves, porque, sendo a mesma capella-mór rasgada em toda a volta por

sete grandes janellões, que desciam quasi até o socco, estorvava sem duvida qualquer construcção, que quizessem encostar-lhe, e, portanto, não dava logar ás capellas absidaes indispensaveis para o termo das naves respectivas, segundo a praxe.

Estas capellas, levantadas posteriormente, vieram inutilisar dois dos formosos janellões, construidos por devoção e iniciativa particular, de architectura diversa e de época provavelmente diversa, nunca ao seguimento das naves; e leva-nos a crer isto, além d'outras rasões, a differença da abertura dos seus respectivos arcos, medindo o da capella norte 3,^m47, ao passo que o do sul mede 2,^m82; diff. 0,^m65; e é de presumir que tal irregularidade não se daria, quando estas capellas fossem destinadas para alinhar com naves regulares.

Mas quando estas existissem um dia, não seria natural, que d'esse grande esqueleto, depois desconjunctado, nos restasse ainda um ou outro osso?

Pois de toda essa fabrica, que devia ser grandiosa, nem uma só aduela, nem um capitel, nem uma base, nem um fuste de columna utilmente aproveitado n'essas tantas e tão variadas obras, alli posteriormente realisadas.

Mas seriam as naves uma ligeira construcção de tijolo e estuque? Ainda assim, estes mesmos materiaes valiosos pela sua grande quantidade deveriam apparecer nos aqui ou além, quer dispersos quer utilizados n'um edificio de tão vasta e variada fabrica.

Pois nem um só indício!

Dos monumentos escriptos tambem alguma coisa se colhe comprovativa do nosso asserto. A capella-mór é, como dissemos, obra levantada no seculo xv.

As paredes lateraes da igreja, actualmente existentes, já eram paredes no seculo xvi; pois que o altar de S. Gualter, que se encosta a uma d'ellas, já era altar com sepulturas dos paes e avós do instituidor, Simão de Mello em 1571.

Portanto, os fundadores das capellas absidaes aproveitaram, como poderam, o espaço comprehendido entre esta e o termo das paredes lateraes, sem se lembrarem de naves.

Do livro das sepulturas existentes n'esta igreja, creado em 1775, deprehende-se com toda a probabilidade que estas sepulturas eram já em 1551 e 1552 numerica e ordinalmente as mesmas d'hoje; e por isso não podiam dar logar ao assento de oito bases d'arcos.

O padre Torquato de Azevedo, tão minucioso na descripção d'esta igreja e que d'ella escreveu pelo meado do seculo xvii, diz-nos, que ella era atravessada com tres arcos de pedra grandes — dos lateraes ainda ha vestigios — que lhe formavam o cruzeiro, e falla-nos igualmente do formoso arco, que ainda hoje sustenta o côro. Estes arcos do cruzeiro

e côro são, sem duvida, obra de valiosa importancia, e sendo o nosso curioso escriptor minucioso até á prolixidade e calando a historia da sua construcção e o nome dos seus constructores, dá-nos licença de suppôr que taes arcos já então eram antigos, e oppondo-se o do côro á construcção das naves, quando existiram estas?

O auctor da *Historia Serafica*, fr. Manuel da Esperança, escrevendo igualmente no meado do seculo xvii, diz-nos que este templo *era d'uma só nave, e com demasia largo; mas fabricado n'esta fôrma para que, ficando desabafado, podesse recoller parte da gente, por ser tanta nos officios divinos, que tambem não cabia no alpendre, posto que muito grande.*

Se não existiam as tres naves no seculo xv, nem no xvi, nem no xvii, quando existiram ali? Portanto, além da improbabilidade das tres naves *n'aquelle recinto*, não sabemos de monumentos escriptos, historicos nem tradicionaes, nem vestigios, que nos auctorisem a suppô-las.»

P.º FERREIRA CALDAS.

1 ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do numero anter., pag. 117.)

Os romanos em todas as suas construcções serviam-se principalmente de argamassa e materiaes de pequenos volumes. Os gregos, para formar os entablamentos de suas columnatas, empregavam pedras inteiriças, abrangendo o apoio de uma columna á outra. Os romanos, que não tinham esse recurso, eram obrigados a valer-se de meios differentes; substituiram o entablamento por arcos feitos com tijolos, para ligar as columnas umas ás outras, obra facil de construir. Tendo adoptado a forma de arco para esta construcção, naturalmente inventaram no seu paiz as abobadas, da qual os architectos gregos rarissimas vezes fizeram uso. Nos amphitheatros, os degráos eram com facilidade formados sobre abobadas sobrepostas; os pilares do andar superior firmavam-se sobre os pilares do andar inferior, e a parede externa era aberta por arcadas. Os aqueductos tambem foram compostos de arcadas sobrepostas. Para estas extraordinarias construcções, bastava terem alguns architectos com a pratica d'esses trabalhos; porém do que elles mais necessitavam era de grande numero de trabalhadores para transportar e preparar os materiaes. Ora a administração romana podia dispôr do exercito para o empregar n'esses trabalhos, além de poder requisitar o auxilio das populações onde se executavam taes obras. Foi por este modo que o grandissimo amphitheatro do

1 O artigo antecedente d'esta secção saiu, por engano, com outro titulo, devendo ser o mesmo acima designado.

Coliseo, no qual havia logar para 100:000 espectadores, se edificou em menos de 3 annos!

Quasi sempre a decoração se applicava sobre o edificio, como se fosse um vestido. Quando o romano legislador traçava os planos e construia o edificio conforme o seu pensamento, chamava depois o architecto grego para lhe fazer o vestuario, e isso acontecia muitas vezes, sobre tudo depois da conquista da Grecia, servindo-se dos artistas desterrados da Attica para trabalharem com o soldo dado pelos seus vencedores.

Era frequente o artista grego ficar embaraçado quanto á maneira por que se serviria das columnas, pois não comprehendia a maneira de as applicar sobre construcções tão diversas, comparadas á bella disposição dos edificios da architectura grega. Como, por exemplo, não seria difficil ajustar a forma inflexivel da architrava com a curvatura das arcadas, ou o angulo do frontão com a convexidade da cupula? O habil architecto grego antevia esse embaraço muito melhor do que o patricio romano, que o fazia trabalhar; e por isso abusava sem cerimonia para o contentar, já escolhendo uma Ordem mais vistosa que a dorica, a jonica, e ainda melhor a corinthia, que na Grecia quasi nunca servia, porém como apresentava effeitos chocantes, opposições fortes e perfis mais complicados, correspondia perfeitamente por este modo aos desejos dos senhores do imperio; posto que não fossem exigentes a respeito da pureza de formas, queriam columnatas de apparencia magestosa, ostentando uma riqueza tão excessiva quanto possivel, digna do imperio romano.

Os architectos romanos empregaram as *Ordens* com uma grande variedade. Podia-se dizer que cada um dos seus edificios apresentava uma nova composição, notando-se todavia serem mais geraes as formas da Ordem corinthia, a qual mais frequentemente apparece n'essas construcções. Esta variedade era motivada antes pelo capricho e circumstancias especiaes do que pelo bom gosto e escolha do entendimento.

As regras sobre as *Ordens* determinadas pelos modernos, poderiam fixar-se conforme o emprego feito nos edificios romanos; porém os architectos antigos pouco se conformavam com essas regras, além de não terem ajuntado nenhum elemento novo aos que haviam recebido dos gregos. Em Roma os detalhes das *Ordens* foram applicados com pouco escrupulo. Na Grecia todas as molduras eram traçadas pela inspiração do artista, e por isso não podem ser geometricamente definidas: os romanos praticavam por outro modo; todas as molduras das *Ordens* foram traçadas por uma medida de compasso, e não combinadas pelo sentimento para lhes dar toda a harmonia e belleza.

Os architectos romanos pouco se cançavam em

raciocinar sobre a maneira como se serviriam das *Ordens*, tomandô-as sem saber para que convinha cada uma das suas partes. Tanto assim, que no interior de qualquer edificio, debaixo do nascimento da abobada e por cima do balanço do capitel, elles ajuntavam outra cornija saliente, posto que n'este logar fosse superflua, visto dentro do edificio não haver precisão de resguardar da chuva a base d'elle, pois é para que serve a applicação motivada do balanço da cornija na parte externa dos edificios.

Para dar uma idéa mais completa dos auxilios que os architectos romanos tomavam da ornamentação, indiquemos os nichos para as estatuas, os caixotões pintados e dourados sobre as abobadas, os marmores, os estuques, o mosaico com o qual se formavam sobre as paredes desenhos mui vistosos pelas suas côres e se construia o pizo dos edificios. Devemos fazer uma observação importante: nunca as distribuições internas ficaram sacrificadas á ornamentação, nem tão pouco ás regras da symetria.

O habitante de Roma não imitava na sua residencia privada os mesmos principios, que se empregavam para a construcção dos edificios publicos. Quando levantava um monumento, indicava a ostentação do imperio; como magistrado queria parecer importante, magnifico e poderoso, aceitando mesmo a rigorosa symetria, com tanto que fosse util para dar maior realce e grandeza ao todo do edificio. Ali apparecia como representando o Poder Publico. Quando, porém, construia para si, abdicava o character official para executar o que lhe fosse mais commodo e agradável. O exterior da sua habitação era sempre da maior simplicidade e sacrificado ás disposições internas. Não procurava por modo algum surprehender exteriormente pe'lo aspecto, evitando offuscar o vulgo; queria unicamente a satisfação do seu gosto pessoal, fazendo uma residencia aprazivel para si e para a sua familia.

Era por esta maneira que os romanos costumavam praticar, especialmente quanto ás casas de campo, essas esplendidas *villas*, onde os patricios podiam disfructar á vontade as suas riquezas, e dispôr d'ellas com a maior liberdade, sem se inquietarem das rivalidades invejosas dos seus pares. Todavia, no principio do imperio, o gosto pelas decorações faustuosas no exterior das casas havia prevalecido; o herdeiro das rapinas de Sylla (entre outros), o Scauros, mandou levantar na frente de seu palacio 360 columnas, da qualidade de marmore o mais raro, as quaes tinham 13 metros de altura, e era tal a grossura do seu diametro, que por pouco não arrombaram com o peso os solidos canos geraes, de esgoto, quando foram transportadas para o monte Palatino.

Na antiguidade, tanto entre os gregos como entre os romanos, assim como na idade media, a habitação privada e o palacio dos principes comprehendiam duas partes mui distinctas: uma era reservada á vida publica e recepção dos estrangeiros; a outra á vida privada e existencia intima. Os gregos tinham, além d'isso, aposentos destinados para os homens, e outros mais retirados unicamente destinados para as mulheres, condemnadas quasi a uma reclusão perpetua, como aconteceu ás mulheres do Oriente.

Na distribuição de uma habitação romana, a *porta* de entrada dava communicação para um *corredor* onde havia a casa do porteiro, conduzindo tambem ao logar da casa para se receberem as visitas e os clientes. Esse recinto constava primeiramente d'um pateo cercado de porticos, no centro do qual havia um tanque quadrado para receber a aguá das chuvas. Esse tanque tinha algumas vezes um repucho. As paredes da casa eram revestidas de marmore até á altura de um metro. Por cima, pinturas a fresco representavam composições historicas. No fundo d'este mesmo recinto e defronte da porta principal, era o logar reservado ás imagens dos antepassados, genealogias e archivos pertencentes á familia. Proximo estava o logar para se conservarem os *deuses-lares*, ao lado do qual haviam collocado o altar domestico. Em seguida viam-se as salas onde eram recebidos os estrangeiros, e as salas de conversação quasi sempre armadas com riqueza; depois d'estas, vinha a casa de jantar, chamada *triclinium*, porque havia abi tres leitos, nos quaes se recostavam as pessoas para tomar as refeições.

No outro corpo de construcções junto ao primeiro reunia-se a familia. Atravessavam-se corredores e chegava-se a um grande pateo cercado tambem de porticos; no meio estava igualmente um tanque e em roda havia flores e arbustos. Circundavam este pateo os quartos para dormir, com a distincção de *cubacula diurna*, *cubacula nocturna*. Entrava-se por uma antecamara guardada por dois escravos de confiança. N'esta parte da habitação havia diferentes casas de jantar, e tambem capella da familia. Seguiam-se a cosinha, as mais officinas e os quartos dos escravos. Uma pequena sala envidraçada recebia o calor dos raios do sol e servia para a reunião no inverno em dias bons.

Os mais abastados patricios tinham alem d'isso nas suas habitações uma sala de livreria, casa de banhos, casa para o jogo da péla, e um *aleatorium*, casa guarneçada de mezas para se jogar aos dados. Algumas casas romanas possuíam um primeiro andar coberto por um terraço adornado de arvores, flores e latadas. Quasi sempre sobre esses terraços havia igualmente um *triclinium* para as refeições da noite. Alem d'isso tinham ainda para

cada estação uma casa de jantar especial. Não era raro ver na frente do edificio um pateo plantado de arvores e ornado de estatuas.

Na casa de campo não conservavam a mesma distribuição que na cidade. Theatro, banhos, bibliotheca, e tudo mais necessario para distrair e gozar melhor a existencia no campo, todas estas diferentes construcções não ficavam reunidas no mesmo edificio, mas separadas de proposito para apresentar uma edificação mais capaz de attrair a attenção; pois estavam separadas umas das outras, communicando-se por porticos, e cada uma tendo a sua distribuição mais conveniente e a exposição mais adequada.

Os romanos, n'estas obras, eram guiados por um espirito pratico, principalmente nas suas casas de campo. Desprezavam com muito juizo a excessiva regularidade e symetria incommoda; preferiam gozar a vista sobre o mar, rio ou lago, quando a localidade e a paizagem lhes offereciam a possibilidade, fazendo contribuir a arte e a natureza conjunctamente para se alcançar e augmentar os encantos de uma aprazível habitação.

A architectura grega teve grandissima vantagem em combinar a construcção com a decoração, concorrendo para uma bem entendida harmonia, e a mais perfeita e intima alliança. O architecto grego, depois de haver calculado a posição do edificio, construia-o com arte, e a ornamentação não era outra coisa senão o resultado d'essa organização assente e esculpida, não sendo mais que o desenvolvimento da sua idéa. O artista grego discorria sobre o que tencionava executar, não se contentava com o mediocre, nem com o soffrivel, procurava sempre o mais perfeito e bello. Certamente seria muito conveniente nos tempos modernos imitar esta maneira de se executarem os edificios; mas não devemos

servilmente copiar os da Grecia. Tendo nós outros usos e costumes, forçosamente precisamos de outras distribuições nos edificios, e que apresentem o caracter proprio do seu moderno destino. Podemos tomar o exemplo dos gregos, construindo-os sempre adequados á nossa época, da mesma maneira como elles construíram os seus proprios para a sua civilização.

Porque não seguiremos nós tambem, como os romanos, a admiravel disposição com que delineavam os planos dos edificios, e tomando o seu exemplo, por que não observamos em primeiro logar a regra que o edificio deve antes de tudo satisfazer ás condições da mais completa commodidade, e nunca a parte interior seja sacrificada ao exterior? Porque não procuraremos obter que nas habitações particulares se applique o bom senso que os inspirava, imitando essa elegancia bem cabida, principalmente fazendo distribuições bem distinctas e agradaveis?

Não devemos por forma alguma estudar dos romanos o seu modo de decoração. Deve-se evitar, tanto quanto fôr possível, separar, como elles, a construcção da decoração. Não devemos tão pouco pretender servir-nos de principios que não observaram, nem auctorisarmos-nos com o seu exemplo para seguir ás cegas as regras de symetria, das quaes não faziam nenhum caso. É verdade que procuravam regularisar os seus edificios para lhes dar um aspecto de accordo, mas nunca na sua distribuição, porque então ficaria defeituosa. Portanto devemos aproveitar d'esses dois povos, que nas artes executaram obras maravilhosas, as suas sensatas theorias, não haveria nada mais judicioso, porém jámais arremedá-los na imitação das suas edificações para não passarmos por ridiculos e faltos de criterio e de intelligencia.

(Continúa)

J. P. N. DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

A idade da pedra polida

(Continuado do 3.º tomo, n.º 7, pag. 108)

A existencia do homem sobre a terra, desde o principio da epocha quaternaria antiga, é um facto, que hoje em dia está confirmado pela sciencia. A voz da verdade, tão poderosa e irresistivel, patenteou a descoberta a mais importante da nossa epocha, a que afirma ser o homem contemporaneo do *ursus spelæus* (o urso das cavernas). Todavia não trataremos agora da remota antiguidade do homem, o nosso intuito é mais restricto.

Propômo-nos fallar tão sómente do periodo da Pedra polida ou Prehistorico — d'esse periodo da historia da humanidade que immediatamente seguiu a idade da Pedra lascada — ou da epocha antediluviana, e que se encadêa aos tempos historicos pelas idades do bronze e do ferro, das quaes depois nos occuparemos.

Não se ignora presentemente, que os *Crannoges* da Irlanda, os *Kjoekkenmoeddinges* de Dinamarca, bem como as habitações *lacustres* da Suissa, ou *Pfalhbauten*, e as *Terramares* da Italia, etc., são os depositos dos antigos restos de cosinha onde foram estabelecidas as residencias dos povos prehistoricos,

e que talvez tivessem vivido no mesmo tempo no Occidente da Europa. O seu desenvolvimento parecer ter seguido a desappareição para os povos contemporaneos dos grandes ursos das cavernas e do renna (rangifer), e precedeu a vinda das Celtas.

Já em 1862 as investigações feitas em diversos paizes pelos Geologos e Archeologos haviam posto em evidencia o ter existido um periodo prehistorico, ou da *pedra polida*.

O sem numero de cavernas exploradas deram a conhecer *duas faunas*, completamente distinctas; uma contemporanea do *urso das cavernas*, a outra, de indicio mais recente, pois não apresenta vestigios, nem de renna, nem de urso: porém n'esta ultima haviam-se encontrado mós de granito, e de pegmatita,¹ assim como *machados polidos*.

Não apparece a menor duvida de que a civilização dos homens contemporaneos do *ursus spelæus*, era inferior á do homem contemporaneo das especies mais recentes que as do urso. Era, pois, importante classificar a *fauna das grutas*, desconhecidas scientificamente, alim de ficarem a par com as descobertas paleontologicas,² com a das habitações lacustres da Suissa; e de se conhecer tambem a civilização, da qual se encontraram os mesmos vestigios como os *Pfalhbauten*. Tendo-se, pois, procedido a um estudo comparativo com os objectos expostos nos museus da Suissa, e sendo guiado pela opinião dos mais distinctos archeologos, pôde-se affirmar presentemente ser a idade da *pedra polida* correspondente á das habitações lacustres da Suissa, de Dinamarca, e da Irlanda, como igualmente, das de França, nos Pyreneus.

As cavernas da idade da pedra polida apresentam a sua entrada muito variavel. Os homens que habitavam essas cavernas costumavam fazer lume dentro d'ellas, e por isso pouco caso davam a uma exposição qualquer, pois que podiam facilmente remediar os seus inconvenientes, servindo-se da abundancia de materias combustiveis que o paiz lhe offerecia.

Pelas observações feitas se acredita, que as cavernas habitadas na epocha da idade da pedra polida eram geralmente sadias, pois não seriam humidas nem teriam correntes d'ar, nem tão pouco se receiaria que as stalactites se despegassem da abobada, ou se formassem no solo as stalagmites.

As dimensões em altura e em largura das diversas grutas são mui variaveis. As mais espaçosas e que mostram indicios de terem sido habitadas n'uma maior extensão, seriam occupadas por uma população numerosa, e as outras mais pequenas teriam

servido para uma unica familia. No primeiro caso, um unico brazeiro seria sufficiente para todos; no segundo, haveria sem duvida tantos brazeiros quantas fossem as familias.

A reunião de factos observados faz suppor que entre esses povos havia pastores, agricultores e provavelmente tambem alguns individuos dados á occupação da caça. Quasi todas as especies de vertebras, das quaes foram examinados os destroços, pertenciam a animaes domesticos, taes como o boi, o carneiro, a cabra, o porco e o cão. Entre os ossos quebrados, acharam-se os de lobo, de rapoza, de texugo, de gatos bravos, de veado e cábramontez: portanto, era preciso guardar juntos esses animaes domesticos nas pastagens, para os poderem sustentar; egualmente iriam caçar para obter aquelles que eram bravios. O estudo das armas, que faremos depois, nos ministrará provas para nos convencer de que a caça estava em uso entre estes povos, ainda que incompletamente civilizados.

A agricultura teria tido um tal ou qual desenvolvimento entre estes habitantes das cavernas, pois que se encontraram, nos logares habitados por elles, mós de diversos granitos, aferrotoadas e gastas, o que indicava que cultivavam e moiam os cereaes.

As explorações feitas n'estes ullimos tempos nas cavernas dos Pyrenéus, fizeram vêr que tinham sido habitadas pelo homem quaternario, pois que conservavam ainda os vestigios da sua industria primitiva, assim como a *fauna* patenteando o vestigio do urso das cavernas,¹ do qual elle tinha sido contemporaneo, conforme já explicámos.

Uma das maiores e mais bellas grutas dos Pyrenéus é a de *Bedeilhac*. A sua abobada eleva-se em muitos pontos a 80 metros. As stalactites formam magnificas columnas, e os grandiosos adornos, com os quaes a natureza foi prodiga, causam um admiravel aspecto para os visitantes. Está formada no *calcareo cretaceo inferior* da montanha Sondour, a sua magestosa entrada fica ao noroeste. Duas galerias conduzem ao interior d'este mysterioso asylo. A galeria da direita, na extensão de 100 metros, tem sobre o solo espalhados grandes fragmentos de rochedos, e destroços de stalactites caidas da abobada.

Um carreiro, quasi plano, em umas partes indicado por uma terra negra e argilosa, em outros sitios passando se sobre stalagmites, mais distante por cima da areia fina e seixos rodados, é o caminho que se encontra dentro d'estas cavernas.

Estes vestigios que manifestam a *morada do homem*, assim como os indicios d'uma civilização, e

¹ Rocha composta d'orthose; isto é, d'uma especie de feldspath o mais commum, composto de silicato d'alumen ou de potassa.

² Sciencia que trata dos animaes e plantas fosseis.

¹ Um grande craneo d'este animal prehistorico, achado em uma d'essas cavernas, está exposto no Museu do Carmo, e é citado esse exemplar na obra do archeologo mr. Garrirac.

d'uma industria, ainda que atrazada, não obstante ser já mais perfeita que as descobertas em outras grutas situadas a 100 metros acima da mesma montanha; continham restos da industria do homem *quaternario* bem como a fauna pertencente ao *urso das cavernas*, do qual elle fôra contemporaneo.

Na sua maior galeria o solo é composto por um *humus* ennegrecido contendo argila, e em certos pontos mostra ser unctuosos. Aqui e acolá existem cabeços calcareos, que parecem encravados n'esse solo, o qual sem duvida os teria coberto antigamente quasi todos. Um unico lugar da caverna parecia estar ainda intacto. Proximo da sua entrada se descobriu um sitio que fôra habitado, contendo numerosos ossos inteiros ou quebrados, dentes de ruminantes em grande abundancia; conchas esmigalhadas de diversos hêlices, fragmentos de mós, vasos de barro grosseiramente fabricados, mas feitos em mil pedaços, ossos preparados em feitio de punhal; e todos estes objectos envoltos em cinza e carvão, que muitas vezes apparecem solidamente unidos.

Os logares que serviram para fazer lume, posto que não se possa actualmente designar qual era o numero, existiam todavia em muitas partes; fazendo suppor haver um principal que pertenceria ao chefe da tribo que habitasse esta gruta; e em roda ficariam collocados todos os outros, sendo o fogo alimentado por cada familia em particular.

Mostram esses montões uma mistura de cinzas de carvão vegetal quasi calcinado, algumas vezes puro, outras misturado com a terra, mas contendo sempre restos d'ossos de animaes e destroços de industria humana; porém, estes logares que serviram para ter lume, não eram os unicos onde se descobrissem fragmentos d'ossos; esses remotos vestigios, que são os veridicos archivos, indicam-nos a existencia de uma população ignorante.

Os arredores d'esses montões de cinza, os cantos e as tortuosidades dos rochedos, como o proprio *humus*, encerram em abundancia louça de barro, ossos preparados, instrumentos de pedra, restos osseos de animaes que haviam servido de alimento.

Emquanto aos *instrumentos de pedra* achados, em primeiro lugar, eram os machados, ou, mais apropriado, cachamurras, apresentando de um lado uma cabeça com a forma de martello. A materia empregada de preferencia para a sua fabricação eram o granito e as suas differentes variedades. Esses instrumentos parecem ser de seixos, cuja fôrma fôra escolhida de proposito, e depois foram apenas modificados, polindo-os; o seu comprimento regula por 20 centimetros, e o pezo, pouco mais de um kilogramma.

Alguns *silex* estavam cortados com o feitio de facas planas, semelhantes ás outras encontradas nas cavernas da idade do renna.

Lascas de schistes quartzosos, do tamanho da mão, parecendo no feitio com as raspadeiras de silex da idade do renna. Alguns d'estes instrumentos estavam ainda bastante afiados para poderem coriar a carne como o faria qualquer faca de metal. Os primitivos machados polidos e cortantes eram em rocha de serpentina. Um dos lados d'este instrumento estava coberto de cinzas de carvão, fortemente unido com elle.

Laminas de lioz quartzoso serviam de brunidores, e para desgastar a pedra eram laminas de grande grossura, estando já gastas e encavadas por terem servido a preparar os diversos instrumentos.

Mós de rochas de diversas especies de granitos appareceram já usadas em uma das suas faces, primitivamente planas, com dimensões differentes. D'estas pedras, verdadeiras mós aferroadas, como as que servem nos moinhos do tempo presente, as mais pesadas e de maior volume estariam fixas sobre o solo, as outras poder-se-hiam remover com uma só mão.

Dos *instrumentos de osso*, o maior numero eram uma especie de furadores feitos com os ossos do *métacarpó*, tibias, ou outros ossos compridos, de cabra, de carneiro e de cabrito-montez.

Quando os furadores se quebravam, a ponta superior podia servir a formar uma flecha; a inferior era aguçada outra vez. O comprimento total d'estes instrumentos era de 12 a 13 centimetros.

Os instrumentos chatos feitos com as costellas de boi ou de veado, assemelham-se ás facas de que se servem actualmente os esfoladores.

Os instrumentos chatos preparados com os ossos pertencentes ao corpo, eram abertos de um lado ao outro, e em lugar de os aguçarem, ficava por meio d'esta operação a sua superficie completamente plana e a extremidade do osso era boleada. As estrias feitas pelo instrumento que produzia essa face plana, se conhecem a alguns centimetros da extremidade boleada, onde existe tambem uma superficie por tal fôrma polida, pela fricção, que parece envernizada. Serviam-se d'elles para polirem as outras peças, sendo facil tel-os na mão.

Nos instrumentos cortantes ha thesouras e facas: para as thesouras empregavam um femur ou um humerus de ruminante adulto para o quebrar pelo meio, depois abriam-no ao alto. Estes dois fragmentos eram aguçados em uma das suas extremidades como são as pontas das actuaes thesouras, cavando a outra extremidade, para se servirem d'ellas.

Um dos instrumentos mais caracteristicos vinha a ser uma faca concava, como se fosse uma fouce, feita com um fragmento das presas do javali. A borda cortante é perfeitamente afiada, cortando a madeira como o faria um instrumento de ferro.

Havia uma grande quantidade d'ossos, simplesmente cortados, sem serem polidos, tendo a forma de pontas de flechas, ou cabeças para lanças.

Os craneos dos diversos animaes estavam quasi todos como se tivessem sido esmigalhados por um instrumento contundente, que teria quebrado os ossos frontaes e parietaes.

Em geral, os maxillares superiores estão separados do resto da face, os dentes conservam se sempre nos alvéolos; muito poucos maxillares superiores estão juntos com as orbitas.

As vertebraes são artificialmente fendidas por tres ou quatro maneiras diferentes.

Raras vezes se acha uma costella inteira. Os humerus não apparecem nunca inteiros, tanto dos grandes como dos pequenos ruminantes, ou dos carnivoros.

Os metacarpos dos pequenos ruminantes foram mais vezes aproveitados, que os d'outros de maior corpulencia, para fabricarem ferramentas e armas.

A maior parte dos ossos mostram estrias muito delicadas, inci-ões largas e profundas, indicando positivamente que a mão do homem, servindo se de instrumentos diversos, teria produzido esses variados effeitos.

Entre os ossos apparecem alguns que foram roídos por animal carnivoro, cujos dentes não deviam ser mais grossos que os de um cão de mediano tamanho.

As especies de animaes, cujos restos acabamos de mencionar, eram bois da raça pequena e da grande, carneiros, cabras e cães já domesticados.

Misturados com todos estes destroços, envoltos tambem nas cinzas e no humus, appareceram fragmentos antigos de louça de barro, que pelo seu feitio grosseiro indicavam bastante a infancia da arte. A materia empregada era uma argila muito gorda e micacea, á qual estão misturados grossos grãos de quartzitos. Esta preparação de barro parece ter sido cozida.

As formas da louça e suas dimensões não são muito variadas. Alguns objectos parecem ter tido um fundo chato e uma forma cylindrica, bastante altos, e muito grossos. Outros fragmentos indicam louça bojuda, com dimensões menores que as precedentes, porém não se afastando muito das que tem a louça encontrada na Suissa com o fundo convexo e pés para conservarem o equilibrio.

A maior parte não foi feita ao torno, mas preparada á mão e depois alisada com uma espatula para disfarçar as covas deixadas pelos dedos. Em geral nota-se a falta de ornamentação. Tem azas mui pequenas, nas quaes apenas podem entrar as cabeças dos dedos e estão collocadas muito junto á borda.

Na parte interna d'esta louça appareceram os fragmentos cobertos de uma crusta negra, espessa,

o que mostra haver penetrado o lume na substancia argilosa. A face extrema tem a côr vermelha do barro cozido.

As camadas que se encontram nas cavernas, as primeiras junto da profundidade do solo, são compostas de seixos calcareos agudos e cortantes, com porporções mui variaveis e pesos diversos, desde algumas grammas até para mais de cem grammas. Debaixo d'esses seixos espalhados com bastante desigualdade descobre logo, uma pessoa costumada a essas investigações, o humus caracteristico das grutas da idade da pedra.

Os brunidores em schistes silicôso, sobre o comprido e mui leves, assemelham-se muito, na forma, ás pedras com que se afiam as fouces. Essas pedras apresentam quatro faces um pouco abauladas, polidas e gastas uniformemente. Tambem se descobriram outros fragmentos que serviram para fazer lume, os quaes se alteravam e esboroavam ao contacto do ar, o que mostrava terem tido essa applicação.

Com outro destino se acharam armas de cabrito montez, aguçadas com esmero na sua extremidade, não para servirem como instrumento cortante, porém pelo uso e pela fricção podiam ser empregadas como arma defensiva, por exemplo, um punhal forte e temivel.

Um objecto notavel era ver os ossos temporaes de ruminantes, cuja articulação com os ossos frontaes foi gasta para se tornar plana. Pela fórma natural concava que apresenta este osso na parte interna, podia servir de colher, ou taça para beber. Foram os primeiros com este feitio encontrados n'esta estação da idade da pedra polida.

Entre esses destroços, havia igualmente ossos de passaros reduzidos a bocadinhos tão pequenos, que unicamente se pôde conhecer terem pertencido a passaros de diversas especies, e sem duvida de tamanhos diferentes, mas não foi possivel designar essas especies.

Encontraram-se no humus, na profundidade de um metro, algumas cascas de avelans e caroços de cerejas silvestres.

As armas dos veados não serviam unicamente para punhaes, os esgalhos maiores eram serrados alguns centimetros acima da base, de maneira a apresentar tres superficies, da qual uma corresponde á base da arma, emquanto as duas outras são formadas pelas secções dos dois esgalhos. Cada uma d'estas tres superficies está furada para encavar n'uma ferramenta; em geral, era um machado. Um buraco completamente cylindrico atravessa o meio da arma, para se lhe metter um cabo solido. Do mesmo modo foram achados os instrumentos d'esta qualidade na Suissa.

Uma muita curiosa gruta, e muito importante,

pela descoberta que n'ella fez o muito distincto archeologo o dr. Garre, é a de Lambrines, sobre a margem esquerda do rio Ariège. Acha-se aberta nos calcareos jurassicos e collocada a mais de 100 metros acima do fundo do valle. A entrada principal tem proporções consideraveis. Stalactites com os feitiços os mais phantasticos acham-se em bastante quantidade espalhados por toda a parte. O solo é escabroso e escorregadiço.

Entra-se, porém, por outro lado por uma apertada garganta, sendo preciso mesmo curvarmo-nos, depois apparece repentinamente uma immensa cavidade, dentro da qual não ha uma unica stalactite nem tão pouco essas columnas de fórmãs exquisitas. Vê-se uma espaçosa sala em amphitheatro, que, alumada pelas tochas, apresenta o espectáculo o mais grandioso que a natureza tenha produzido! De cada lado as aguas escavaram a rocha, e alguns metros adiante se ergue a prumo uma tremenda e alcantilada entrada principal para ver a outra gruta que lhe fica superior. Examinando-se como as pedras estão lisas e humidas, precisando cinco compridas escadas sobrepostas para se chegar acima, causa admiração e receio, e ao mesmo tempo custa a explicar qual seria o poderoso movel que levou o homem, aquelle que fosse o primeiro, a ousar emprender o subir por tão arriscada passagem para se aproveitar de similhante refugio?!

Na extremidade superior em que descança a escada, ha apenas uma estreita plataforma que dá comunicação a uma galeria, onde se torna mui perigoso andar. Este caminho conduz a uma vasta camara que servia de cemiterio.

Andando-se pela caverna fóra, a sua abobada perde-se de vista ao longe, tal é a grande extensão e a regularidade d'esta gruta, o que produz um magestoso effeito. Ha um pequeno lago, muito profundo, o qual interrompe unicamente a monotonia d'este occulto esconderijo, achando-se no fim duas galerias.

A que está á direita acaba de uma maneira inesperada, apresentando um declive, sendo preciso servirem-se de cordas para se chegar ao solo inferior. Por baixo d'esta descida ha uma outra sala bastante vasta, tendo no fundo um segundo precepicio, ao qual ninguem ainda se atreveu a descer.¹

Na da esquerda o solo é formado por seixos rodados. A abobada que parece abaixar-se, por ser preciso subir por uma ladeira aspera, está atravessada por uma rocha antes de se chegar finalmente ao fundo d'esta gruta singular!

Ha alguma differença entre a fauna da idade da pedra polida e a que se encontra n'estas profundas galerias de *Lambrines*; todavia a fórmula dos craneos

¹ Existem em Portugal, em Rio Maior, cavernas que se assemelham muito a essa conformação.

humanos afasta-se sensivelmente do typo que se encontrou do periodo da pedra polida, pois se aproxima d'aquelle que existe actualmente dos povos da Europa. Quanto ao montão de ossos humanos juntos no mesmo logar não permite a hypothese de que se fizessem alli enterramentos; portanto é difficil poder dar-se uma explicação definitiva a este achado n'aquelle logar.

Os antigos brazeiros da entrada d'esta caverna continham fragmentos de louça de barro muito antiga; mas talvez mais bem acabada e menos grosseira do que era a de que fizemos menção; assim como havia fragmentos de mós de granito, ossos quebrados de carneiro e porco, e com elles mui poucos furadores, sendo quasi similhantes aos outros de que tratamos. Havia igualmente com estes destroços, um bracelete, composto de perolas de vidro bastante grosso e furadas, o que faz suppor seria para as enfiar: e assim isso concordaria com a existencia n'este logar da louça menos grosseira, pertenceria a uma epocha menos antiga, que a idade da pedra polida.

A gruta do Mar d'Azil nos Pyrenéus apresenta proporções gigantescas, o seu solo de rocha serviu de leito de uma torrente rapida. Aqui encontraram-se os restos de duas epochas paleontologicas differentes; uma camada contendo milhares d'ossos de elephantes, de rhinocerontes, abrangendo muitas idades ante-historicas; fragmentos de louça de barro grosseiro tirado do humus, alguns ossos humanos e dentes molares de pachydermes; objectos que parecem pertencer a uma idade ante-historica, e estavam á superficie. As camadas profundas encerravam destroços mais antigos.

Sob o ponto de vista da historia do homem, esta caverna é uma das mais caracteristicas e a mais importante, encerra duas idades paleontologicas theoreticamente separadas, stratigraphicamente distinctas pela natureza.

O ursus spelæus, de um lado, caracteriza a fauna envolta no sedimento das galerias as mais afastadas e que se manifestam em niveis diversos n'esta caverna: o *renna*, de outro lado, domina entre os animaes cujos restos e destroços compõem as camadas, ou dizemos melhor, as accumulações de terra, seixos e areia que se encontram a alguma distancia das entradas principaes e na abertura das galerias lateraes: portanto não deixa de ser verdade, que duas faunas estão completamente separadas uma da outra e sem nenhuma mistura apparente. Os animaes que as compõem, não podem por consequente ter vivido nas mesmas epochas.

O mesmo se dá com os numerosos objectos referindo-se ás idades recentes em relação á do *renna*. Os depositos contemporaneos d'este ultimo ruminante existem ainda na caverna, não contendo

nenhum specimen que se possa assimilar aos dos primeiros tempos ante-historicos. É possível que, se os homens que poliam a pedra, deixaram n'esta gruta os vestigios da sua industria, cousa que parece ser muito provavel, esses homens viveram em uma epocha differente ainda da do renna. Teremos, pois, n'esta caverna *tres idades* amontoadas separadamente uma sobre a outra, distinguindo-se pela fauna e pelos restos da industria humana que contém. A mais antiga seria a idade do *ursus spelæus*, viria depois a do *renna*, á qual succedeu a epocha ante-historica, ou idade da pedra polida.

Todos estes factos, pois, tão claros, tão positivos em uma mesma localidade, e n'um espaço tão restricto, concordam com os resultados stratigraphicos adquiridos pelos estudos especiaes dos archeologos sobre as cavernas, tendo-se examinado esses ossos, os quaes são tão apropriados para nos elucidar sobre a historia geologica do homem.

Pelo que acabamos de expôr, é facil de ver que as diversas cavernas, de que fizemos este estudo, teem dado um conjuncto de factos bem positivos, pois achámos, na mesma fauna, identidade de usos, de industria e de civilisação, tudo representado n'uma *epocha unica da historia do homem*. Esta epocha nos é conhecida e corresponde á das habitações lacustres da Suissa, idade da pedra polida.

Sabe-se presentemente que estas palavras *idade da pedra polida* teem uma significação muito especial. Pela idade da pedra, primeiro, entende-se ser uma epocha durante a qual o homem empregava principalmente os instrumentos de pedra. Os metaes eram então desconhecidos; porque o estado de civilisação não havia dado os meios de os descobrir e de preparar o mineral. Porém essa idade da pedra, estabelecida pelo sabio naturalista dinamarquez Steenstruss, teve duas divisões: a idade da pedra lascada e a idade da pedra *polida*.

Era mui natural que os primitivos homens procurassem industrializar-se afim de occorrer ás suas primeiras necessidades, e tambem á sua defeza contra os inimigos, e tivessem então utilizado os primeiros objectos que lhes parecessem mais proprios, como seriam os seixos, essas pedras silicosas, por exemplo, que, por um choque dado sem intenção, haveriam podido transformar-se em armas cortantes.

Não é, pois, fóra de razão, pensar que a pedra serviria de primeira arma empregada pelo homem. Além d'isso, hoje em dia, não pode existir duvida a este respeito.

Como o demonstra mr. Boucher de Perthes, e como o têm tambem achado, depois d'elle, outros sabios, as pedras, que reputamos como sendo as armas primitivas do homem, foram lascadas e encavadas. Era isso um instrumento servindo de ferramenta e de arma ao homem contemporaneo do

urso, do elephante e do renna durante a epocha quaternaria antiga. Porém, esta arma indica uma civilisação, que não podemos considerar como primitiva, posto que esteja ainda pouco adiantada. Antes de cortar um seixo silicoso com o feitto de machado, era preciso que o homem tivesse sabido primeiramente que um seixo cortante seria preferivel a um simples seixo rodado, liso e egual sobre toda a sua superficie. O seixo *cortante* uma vez adoptado, necessitava ainda dar-lhe uma fórma adequada para o seu uso, ainda mais, a essa fórma faltava achar um meio de conservar em um cabo a arma por esse modo fabricada. Por outras palavras, antes do machado quaternario achado em Abbeville, deveria haver um machado menos perfeito, provavelmente aquelle que serviu durante a epocha *pliocene* para preparar os ossos que foram achados em Chartes; e quem poderá affirmar que na epocha *miocene* não tivesse existido a industria de um homem, ainda muito mais primitiva.

Que cousa mais natural, que um ser humano tenha existido respirando um ar tão puro, em clima tão regular e uma atmospherá tão agradável como foram os da epocha miocene. Os invertebrados os mais perfectos haviam já apparecido na terra desde o principio de periodo *terciario*, e mr. Lartet nos provou a existencia do macaco contemporaneo dos *mastodontes*, dos *dinotherium*, dos carnivoros e dos ruminantes, cujas ossadas estavam disseminadas no soló miocene. O creador da anatomia comparada, lançando uma duvida, que não se sabe como se possa explicar, sobre a possibilidade da existenciá do macaco e sobretudo do homem fossil que presentemente é designado pelo nome *Anthropopithéco*, ou o *precursor do homem*, tinha-se erguido contra a admissão do grande factó scientifico da presente epocha, uma barreira que está hoje demolida. Mr. Loret, havendo descoberto o macaco miocene em Sansan e fazendo as suas divisões paleontologicas da epocha quaternaria, conduziu a sciencia por uma vereda mais direita e racional. Se os sabios de reconhecido merecimento sustentam ainda a não contemporaneidade do homem e do grande urso das cavernas, e para o confessar n'esta occasião, já são poucos os que pensam por este modo, é de esperar que, examinando a questão mais attentamente, a apreciem por uma maneira mais justa e verdadeira. Duas cousas sem duvida os hão de convencer a mudar de parecer: primeiramente, a mesma opinião adoptada entre os observadores especiaes de todo o Universo, e em segundo lugar, o saber, a consciencia e a lealdade com que tres geologos e grandes philosophos quanto habeis observadores, Archiac, Vogt e Lyell, teem profundado esta questão. Estando convencidos ter sido o homem contemporaneo do urso das cavernas e do *mammouth*, para elles é

tambem a idade da pedra lascada um facto irrevogavelmente obtido para a sciencia.

A idade da pedra polida succedeu á da pedra lascada. Polir os instrumentos que primeiro se tinham simplesmente preparado, devia constituir um progresso na civilisação das raças primitivas humanas. A experiencia o tem agora demonstrado. Não é com uma fauna completamente distincta da que havia existido durante a epocha quaternaria antiga, e nos terrenos recentes, que se encontram os machados polidos com os outros instrumentos e ferramentas que os costumam acompanhar. Essa epocha viu desenvolver as populações que habitaram os *crannoges* da Irlanda; os habitantes de Dinamarca, vivendo sobre as bordas do mar e deixando amontuar os immensos *restos de cosinha*, e esses *gockkenmoeddinges*, como os designam os dinamarquezes e os povos das habitações lacustres da Suissa; os das *Terramares* da Italia e das turfeiras; esses montanhezes, talvez, descendentes directos das tribus contemporaneas do grande urso e do renna, de costumes analogos, porém mais primitivos, e que não tiveram por outra habitação senão covis rusticos.

Durante essa epocha, os metaes eram desconhecidos. Só mais tarde appareceram povos trabalhando o cobre, e conseguiram produzir o bronze. O ferro, enfim, mais difficil de se obter, mas tambem mais rijo e mais resistente, veiu a ser depois o metal especialmente empregado.

Se a historia não nos relata de uma maneira clara quem foram os povos que habitavam o Occidente da Europa, quando os Celtas appareceram, esses povos que os filhos de Albião encontraram na idade da pedra polida, todavia ella nos deixou o retrato fiel dos homens que introduziram o uso do bronze e do ferro.

(Continúa.)

J. DA SILVA.

AS MUMIAS DO PERÚ

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 54

As mumias que se acham expostas no museu archeologico da nossa sociedade, foram exhumadas dos campos de *Ancon*, pequena povoação e porto de mar ao norte de Lima, capital da republica do Perú.

Estes terrenos, n'uma grande extensão, adjacentes ás ruinas de antigas povoações indigenas, são geralmente baixos e extremamente siliciosos, dando assim logar a infiltrações de agua salgada, ao que se attribue a conservação de um grande numero de corpos que os indios ali inhumavam.

Em reforço a esta supposição vem a etymologia da propria palavra *mumia*, proveniente da palavra arabe *moumyá*, formada de duas palavras coptas,

significando uma — morto — e outra sal, isto é, corpo morto preparado com sal.

Os povos d'aquella região enterravam os corpos articulando-os de modo a adquirir a fórma do feto no ventre materno, querendo significar assim, que, pelo modo por que vinham ao mundo, assim deviam, depois da sua peregrinação, partir d'elle e subir á presença de *Pachacamac*, por elles adorado como Deus omnipotente e creador de todas as cousas.

Os corpos, frequentemente inhumados em vasos de barro de forma adequada á posição do cadaver, eram sempre acompanhados de objectos e utensilios que caracterisavam a profissão, fortuna e hierarchia do individuo fallecido.

Assim, encontra-se nas sepulturas fio e tecidos de lã, de alpaca e de llama, fusos, pequenos vasos e figuras de barro, utensilios e idolos de pedra e de bronze, armas, etc., não sendo raro deparar em certos tumulos com pedras preciosas e artefactos de prata e de ouro, posto que sejam mais frequentes as laminas delgadas de prata e de ouro, como se observa nas mumias expostas. Por vezes se tem tambem encontrado pedaços informes de ouro encerrados na bocca da mumia.

No Perú chamam indistinctamente *guacas* aos antigos tumulos dos indios e aos objectos que depositavam junto aos cadaveres. Os hespanhoes, que acompanharam Pizarro na conquista do imperio dos Incas e outros que se lhes seguiram, fizeram numerosas escavações com o fim de descobrir *guacas*, e por vezes encontraram verdadeiros thesouros.

Consta que, na antiga provincia de *Truxillo*, um hespanhol recolheu em 1576 d'uma *guaca*, que se suppõe ter sido o sepulchro de um rei da familia de *Chimu*, uma porção de ouro equivalente a 46:000 onças, ou cerca de 620 contos de réis.

«Ainda hoje (escreve o historiador F. Lacroix «em 1840) estão persuadidos no Perú, que as *guacas* contêm em si riquezas que só aguardam felizes exploradores para se patentearem. Quando as exhalações que se elevam d'estes tumulos os denunciam por chammas phosphoricas na cumiada das collinas, os habitantes dos campos julgam que esses fogos ephemeris indicam a presença de thesouros escondidos no seio da terra e apressam-se a escavar essas antigas sepulturas, que muitas vezes já têm sido profanadas por mãos ávidas.»

As mumias peruanas, pelas propriedades especiaes e acção das terras em que são inhumadas, conservam, por muitos seculos, o craneo coberto de abundantes cabellos, os dentes, as unhas, e a pelle cobrindo perfeitamente o esqueleto, como pergaminho de cor terrosa.

Emquanto á antiguidade das mumias expostas, (uma mulher adulta e uma creança), não ha dados bastantes para se fixar precisamente. Entretanto po-

BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis
E
Archeologos Portuguezes



9-2-142

ESTAMPA 54

Mumia do antigo Perú

de affirmar-se que estes corpos foram sepultados no periodo intermedio ao principio do seculo xi e fins do seculo xv ou principio do seculo xvi da era christã.

Com effeito, não obstante as duvidas e obscuridade em que se envolve a antiga historia do Perú, sabe-se pelas mais auctorizadas tradições que pelos primeiros annos do seculo xi appareceram nas margens do lago *Titicaca*, no alto Perú, o Inca *Manco Capac* e *Mama Oello*, sua mulher, os quaes, dizendo-se filhos do sol, que era adorado por aquelles povos, se fizeram acclamar imperadores e fundaram a dynastia dos *Incas*.

Munco Capac instruiu e civilisou estes povos, *Quichuas*, *Aymaras*, *Atacamas*, *Changos*, etc.; fez desaparecer os sacrificios humanos; estabeleceu um novo culto; fundou a cidade de *Cuzco*; e entre outras artes ensinou a fiar e a tecer. Ora tendo apparecido novellos de fio de lã e diversos tecidos junto a estas mumias, é evidente que não podem ellas ser de uma época anterior á fundação do imperio *Inca*.

Por outro lado, sabe-se que depois da conquista do Perú por F. Pizarro, no principio do segundo quartel do seculo xvi, ficou em desuso este processo de enterramentos dos indigenas, principalmente nas proximidades das grandes povoações occupadas pelos conquistadores, como Lima, por exemplo, e por tanto não podem taes mumias ser posteriores a essa epoca.

Consequentemente, tomando uma media entre os

dois extremos, poderá assignar-se-lhes a antiguidade de 600 a 700 annos.

As mumias expostas pertencem aos indios de raça *Quichua* ou *Inca*, porquanto, segundo D'Orbigny, esta raça estendia se para o norte do *Perú* até *Quito* no *Equador*, aonde ainda hoje se falla a lingua *Quichua*, e chegava pelo sul até 15° ao sul do equador confinando com os *Aymaras*, e por tanto cobrindo o territorio de *Ancon*, aonde taes mumias foram exhumadas.

A raça *Quichua* é pequena, posto que bem constituida, chegando poucas vezes a estatura no homem a 1,^m60 e na mulher a 1,^m46; a cabeça é geralmente grande em relação ao corpo; as mãos e pés são de pequenas dimensões; o cabello é espesso e grosso.

Todos estes caracteristicos se notam nas mumias expostas.

Os dois craneos tambem expostos no nosso museu são da mesma procedencia.

Porêmos aqui termo a esta breve noticia historica, tendo-nos parecido conveniente apresental-a, para esclarecer as pessoas que não são dadas a este genero de estudos, sobre a origem e procedencia das mumias que estão expostas no museu archeologico do Carmo, e que no Perú obtivemos com difficuldade e dispendio, no intuito de valorisar as incipientes collecções da nossa associação.

Lisboa, 20 de novembro de 1884.

VISCONDE DE S. JANUARIO.

CHRONICA

Sua Alteza Real o Principe Senhor D. Carlos acaba de instituir um curso de archeologia, para o qual destinou premios afim de recompensar os mancebos que n'estes estudos se tornarem mais distinctos. Esta generosa protecção de Sua Alteza será sem duvida recebida pela nação com muito reconhecimento e merecidos louvores por todos que prezam os progressos scientificos do nosso paiz.

Sua Alteza encarregou o nosso digno presidente sr. Possidonio da Silva da d'recção d'estes estudos. Damos, pois, felicitações aos socios da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes pela fundação de tão importante ensino, o qual ha muito era reclamado pelos dedicados archeologos como um dever nacional.

O socio sr. Peixoto, de Alemquer, offertou para as collecções do nosso museu, um machado de pedra do feitto mais primitivo d'esses instrumentos, e uma ponta de seta de cobre, igualmente muito interessante por ser tambem um dos mais remotos instrumentos da idade dos metaes.

El-rei o Senhor D. Fernando offereceu á nossa bi-

bliotheca um rico exemplar da collecção de phototypias da exposição de arte ornamental, obra de grande primor devida ao insigne amator o sr. Carlos Relvas, nosso digno consocio.

Ainda mais honrosa se torna para a nossa Associação a dadiva de El-rei o Senhor D. Fernando, porque, sendo numerados os exemplares d'esta obra artistica, Sua Magestade escolheu o livro que tinha o numero um para o destinar a enriquecer a nossa bibliotheca. Esta prova de consideração patenteia quanto o Senhor D. Fernando deseja proteger e animar os trabalhos scientificos da nossa util instituição.

* * *

Do Brazil tivemos outros objectos antigos, como um lindo machado polido, ossos petrificados de corpulentos animaes, offerta do obsequioso amator o sr. Da Nova, que todos os annos contempla o nosso museu com valiosos specimens de muito interesse archeologico.

Raros exemplares de subido valor e merecimento archeologico são as mumias e os craneos dos primitivos habitantes do Perú, que nos offereceu o illustrado socio o sr. Visconde de S. Januario, sempre sollicito em engrandecer as collecções do nosso museu com objectos raros mesmo na America, e ainda mais apreciados em Portugal, porque são os unicos que existem no paiz. Estas repetidas offertas de precio-

sidades de tão superior valia para o estudo, são notáveis serviços não só prestados á sciencia como ao nosso paiz.

Na villa de Alcobaca descobriu-se uma pequena estatua representando el-rei *D. Affonso vi*; pelo digno administrador do concelho o sr. Augusto Cesar Marques, foi offerecida para o museu do Carmo. Louvores sejam dados aos funcionarios publicos que sabem apreciar as antiguidades e fazem com que se conservem.

Ao nosso presidente, o sr. Possidonio da Silva, foi conferida uma medalha de prata de 1.ª classe, na exposição de anthropologia que se realizou no mez de setembro na cidade de Toulouse (França), tendo concorrido este perseverante archeologo com trabalhos que lhe mereceram tão honrosa distincção.

Acaba de prestar um importante serviço nacional o nosso digno consocio o sr. Delfim José d'Oliveira, publicando uma noticia muito curiosa de Penella (terra da sua naturalidade), que não só faz mais conhecida aquella pittoresca localidade, mas tambem rectificou as noticias de acontecimentos historicos que corriam menos exactas. Portanto, é este cavalheiro

digno de merecidos louvores, que lhe vão augmentar a consideração que ha muito era tida pelo seu nobre character e distinctas qualidades.

A benemerita commissão que levou a effeito restaurar com grande esmero a igreja de N. S. Jesus do Monte, em Braga, deliberou distribuir uma medalha no dia da inauguração ao culto d'este sumptuoso templo, havendo tido a extrema delicadeza de contemplar a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes com um exemplar d'essa medalha, que será entregue pelo sr. arcebispo de Braga ao nosso digno representante.

Esta subida distincção que recebeu a nossa Associação, é lhe duplicadamente lisongeira, porque significa o quanto nós apreciamos e o empenho em que se deve ter a conservação dos edificios publicos, e mais principalmente os religiosos, onde a architectura, no nosso paiz, ostenta em maior grau o primor e magestade proprias: bem como pela honrosa consideração que a nobilissima e antiga cidade de Braga conferiu aos architectos e archeologos portuguezes, que reconhecidos se confessam por esta singular distincção.

NOTICIARIO

Em breve desaparecerá para sempre um dos monumentos mais conhecidos e populares de Madrid; um monumento sinistro, triste; um monumento, cujo nome levava o terror aos animos, por ter servido durante os ultimos cincoenta annos de carcere em Madrid: o *Saladero*.

Um tapume de madeira rodeia já o velho edificio, cuja sentença de morte, isto é, o apeamento, se começou a cumprir com geral applauso.

Dentro em pouco, d'aquellas immundas paredes não restarão senão ruínas, e, quando estas hajam desaparecido, Madrid deixará de ter uma feia veruga.

A historia da casa que albergou, durante tantos annos, o que a sociedade de Madrid repellia, não é muito illustre.

Em junho de 1831 desenvolveu-se na cadeia de Madrid, grupo de miseraveis edificios, uma epidemia contagiosa, que ameaçava invadir a população.

As auctoridades não sabiam, n'aquella conjunctura, o que fazer aos presos, e por fim resolveram transportal-os para o *Saladero de Tocino*, onde se achava o presidio correccional.

A medida foi *interina*, e a *interinidade* só durou cincoenta annos.

O *pateo grande*, com os seus calabouços subterraneos; o *pequeno*, em eguaes condições; o de *detidos*, para presos e condemnados em transito, e o dos *unicos*, isto é, dos rapazes imitadores de criminosos, constituíam antros verdadeiramente repugnantes.

Eram theatro de rixas, escola do crime; ali aperfeiçoavam-se no roubo, no logro e na velhacaria aquelles que eram pouco habeis; ali se preparavam falsificações, e era ali como que o centro dos mais famosos criminosos.

N'aquella cadeia tambem entravam homens innocentes e illustres; D. Nicolau Maria Rivero occupou durante a perseguição dos moderados e dos liberaes

uma cella do segundo andar, onde estavam os aposentos das pessoas distinctas; ali encontrou a doença que o levou á sepultura o infeliz Xavier Ramirez; ali escreveu o inolvidavel Roberto Robert, e ali esteve tambem o batalhador e vehemente Carlos Rubio.

Nas duas grades grandes da capella verificou-se em 1832 a cerimonia de raspar as pontas dos dedos e a tonsura ao cura Merino, antes de subir ao patibulo.

As ultimas manifestações que tiveram lugar deante do *Saladero* foram as que motivaram a prisão dos syndicos do commercio durante o ministerio Sagasta-Camacho.

Ao apeamento do *Saladero* seguir se ha o da Fabrica de tapeçaria, e aquelle bairro da antiga Porta de Santa Barbara ficará um dos mais formosos da Madrid moderna.

O sr. conde de Marsy, digno socio honorario da nossa Associação, foi nomeado director da Sociedade Franceza de Archeologia, em substituição de Mr. Palustre, que pediu ficar dispensado d'aquella direcção, cargo que havia desempenhado com zelo durante muitos annos.

O actual director não será menos solícito em conservar o merecido credito que tem adquirido esta benemerita Associação, desde a sua fundação pelo sabio e venerando Monsieur de Caumont. Portanto enviamos com summa satisfação as nossas sinceras felicitações ao illustrado director que pela sua reconhecida dedicação e saber dará maior renome a este instituto tão util e afamado.

Um architecto hespanhol apresentou um projecto bastante singular, afim de evitar a destruição dos edificios por causa dos tremores de terra, propondo-se construir as casas assentes sobre molas, como são suspensas as carruagens dos caminhos de ferro: talvez seja efficaz, senão *descarrillar*.